



# Breves notas sobre o Encerro

## O espaço público na condição urbana contemporânea

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

### "Outro"

Da reflexão sobre o espaço público ressalta, a meu ver, a consolidação actual de 3 fenómenos intimamente ligados à experiência urbana da Metrópole: o espectáculo, o controle e o consumo. Tais fenómenos, cuja génese remete para a formação da cultura burguesa do século XIX, foram desenvolvidos durante as últimas décadas associados a um desejo de ócio e entretenimento, à espectacularização da sociedade e à cultura visual, à moda e à publicidade, à cultura de massas e à globalização, à mobilidade e à tecnificação informacional.

A metrópole contemporânea surge-nos aqui vista como estrutura espacial e de sociabilização onde esses usos e fenómenos tomam lugar, situação que comporta uma incidência profunda ao nível da espacialidade e vivência urbana. Na metrópole os "não-espacos (usando a categoria de Marc Auge) uniformizados e sem referência histórica; são consumidos" espectacularmente pelo indivíduo a-étnico sob condutas precisas e controladas dentro da noção de "capitalismo tardio".

A condição metropolitana converte-se em matriz do espectáculo, do consumo e do controle. O espaço público, como o entendemos, tornou-se frequentemente, e enquanto derradeiro "Outro", no verdadeiro excluído.

### Espectáculo – Consumo – Controle

Os três referidos fenómenos, que foram alvo de análise de múltiplos pensadores, mantêm uma articulação complexa entre si, consolidada ao longo de mais de um século, conformando uma engrenagem sobreposta ao espaço público, que se auto-sustenta e que provavelmente será impossível desmantelar. Dificilmente poderíamos, no âmbito deste ou de outro artigo, apropriar essa engrenagem. Optámos pois por observar apenas um desses fenómenos, sabendo que a referência aos outros fenómenos que com ele conformam a engrenagem que pauta a experiência contemporânea, emerge permanentemente. Nenhum sobrevive sem os outros.

Relativamente ao fenómeno do "Espectáculo", poderemos dizer que foi como sabido descrito por Guy Debord, referindo-se à crescente importância da imagem e da estética na sociedade do consumo, que falsificando o quotidiano torna a própria sociedade em algo espectacularizado. Esta estetização da sociedade expressa-se na paisagem urbana, convertendo-nos em consumidores de símbolos sem julgo estético. (Neil Leach falou de "Anestésica" na Arquitectura). A imagem converteu-se em ferramenta para a comercialização dos produtos urbanos, os quais possuem um valor simbólico ligado à identidade colectiva ditada pela moda. A abordagem do fenómeno do espectáculo não se restringir, a nosso ver, a expressões depreciativas e prejudiciais, alargando-se ao protagonismo actual do marketing e às estratégias de recuperação e valorização urbanas que vem sendo desenvolvidas um pouco por todo o lado.

Relativamente ao fenómeno do "Consumo", ele remete para o papel histórico que a cidade sempre assumiu como foco comercial, sobretudo para o desenvolvimento de espaços dirigidos exclusivamente ao comércio e ao consumo, como as arcadas burguesas do século XIX (veja-se o recente evento "Nútopia" centrado nas arcadas de Cardiff), as lojas por departamentos, o centro comercial suburbano, o ressurgimento do pequeno

comércio, e a performance global com a migração, a mobilidade turística, a miscigenação e a uniformização dos mercados locais que oferecem o mesmo produto em qualquer local do planeta.

O fenómeno do consumo não se deve restringir, a nosso ver, à análise dos espaços comerciais, mas ao conjunto de práticas sócio-económicas de consumo recorrente e induzido, que caracterizam a cultura contemporânea de massas dentro do cenário urbano. Menciona-se igualmente o papel da mecânica comercial relativamente ao desenvolvimento da cidade, aos seus usos e estética.

Relativamente ao fenómeno do "Controle", como veremos, ele refere-se à sujeição à vigilância e à disseminação de formas de controle social com que convivemos quotidianamente. O encerro e papel da arquitectura como instrumento de controle e castigo que Foucault identificou no século XVII tem lugar actualmente. O mito do anonimato privado esconde a realidade do olhar indiscreto Benthamiano e Orwelliano de grupos de poder movidos pelos mais variados interesses. Proliferam câmaras de vigilância, escutas telefónicas, sistemas de registo bancário, timers televisivos, registos de perfis electrónicos na Internet, sistemas sofisticados como o GPS e o Eschelon; a contratualização a que estamos sujeitos em condomínios fechados e shoppings; o interesse mediático pela vida pública, a exposição da intimidade individual em programa televisivos. A vida metropolitana é o local da sobreexposição da sociedade, em que se cartografa, controla e conduz a identidade do corpo social a que todos nos comprometemos. Ressalve-se obviamente, que esta análise do controle não significa a inexistência de benefícios das novas lógicas rizomáticas oferecidas pelos media, dos novos modos de pensamento e arquitecturas pós-modernas, e das possibilidades de eleição oferecidas na cidade global contemporânea. São em geral estes aspectos. Para reflectir sobre o "Encerro", não se começa linearmente só pelo espaço público. O público (e não o privado) suscitou, pelo menos até recentemente, maior atenção na história do pensamento da Arquitectura, e já desde Aristóteles que a "polis" possuía uma posição superior à "oikos".

Como sabemos a mutação cultural que ocorre na sociedade contemporânea dilui várias fronteiras (local-global, urbano-rural, etc) entre as quais entre o privado e o público, o que obviamente comporta um impacto na arquitectura. Então pareceria produtivo análises do "público" que se façam também atendendo à sua manifestação da sua tensão com o privado. Pessoalmente interessa-nos como princípio um "entre" Deleuziano, a tensão entre dois (os dois). Neste caso a tensão do público no privado (e vice-versa), a qual foi crescente, no sentido da casa deixar de ser o lar em que um ocupante habita protegendo-se física e psiquicamente e reconhecendo-se longe dos seus papéis sociais. De facto, a sobremodernidade parece ter sido o culminar de uma histórica debilitação dos conceitos caracterizadores da domesticidade: a privacidade e a intimidade. Ambos se tomam alvo de um processo de pressão, em que esfera pública se mescla com a privada<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> (A título de curiosidade, refira-se por exemplo que este processo subversivo socorre-se hoje, para o bem e para o mal, também dos media, permitindo-nos nós noutro artigo tomar o "Grande Irmão" e questionar se esse "encerro mediático" não expressa o real?)